

Triturus marmoratus (Latreille, 1800)

Tritão-marmorado

Tritón jaspeado, Marbled Newt

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

O Tritão-marmorado é uma espécie de salamandriídeo do género *Triturus*, onde também se incluem as espécies do grupo conhecido como Tritões-de-Crista que se encontram na Europa fora da Península Ibérica. No seio de *Triturus marmoratus* são reconhecidas duas subespécies: *T. m. marmoratus* e *T. m. pygmaeus*. O tritão-marmorado-pigmeu, *T. m. pygmaeus*, é, actualmente, considerado por parte dos investigadores como merecendo um estatuto específico distinto do tritão-marmorado, *T. marmoratus* (García-París et al., 2001). Os argumentos a favor desta posição incluem o nível de diferenciação genética, características morfológicas diagnósticas e ausência de registos de híbridos em Espanha. No entanto, a situação em Portugal é espacialmente mais complexa, onde as duas formas estão de facto em contacto, tendo já sido detectados alguns híbridos (Themudo, 2005; Themudo & Arntzen, 2007a). *Triturus m. marmoratus* é claramente maior, tem um porte robusto, pele áspera, coloração ventral mais ou menos uniformemente escura com pintas brancas e coloração dorsal e lateral verde-escura numa rede interligada. *Triturus m. pygmaeus* exibe um corpo mais pequeno com porte elegante, pele macia, coloração ventral acinzentada e pintalgada e uma coloração dorsal e lateral verde-azeitona numa rede fina.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

A área de distribuição de *T. m. marmoratus* estende-se por grande parte de França, Espanha e Portugal. Em França, *T. m. marmoratus* pode ser encontrado na parte sudoeste do país. O limite nordeste segue aproximadamente os rios Sena, Loire e Allier. No Sudeste de França, a distribuição termina na parte ocidental do Maciço Central (Zuiderwijk, 1989). Na Península Ibérica, *T. m. marmoratus* pode ser encontrado por toda a metade Norte de Espanha, a sul do vale do Ebro, no Centro até à Serra da Gata (Albert & García-París, 2004), e na metade norte de Portugal, até à Serra da Malcata, na fronteira com Espanha, chegando à margem norte do rio Tejo e seguindo depois a linha Castelo Branco – Abrantes – Leiria. Os registos de *T. m. marmoratus* a maior altitude são nas Serras da Estrela (1930 m; Godinho et al., 1999) e Guadarrama (2100 m; Herrero et al., 2003a).

A área de distribuição de *T. m. pygmaeus* estende-se pela metade sul da Península Ibérica, com excepção da região leste e sudeste de Espanha. *Triturus m. pygmaeus* penetra para norte ao longo da costa portuguesa e chega até Aveiro. No centro de Portugal e Espanha, o limite de *T. m. pygmaeus* é contíguo ao de *T. m. marmoratus* (Arntzen & Espregueira Themudo, 2008; García-París, 2004). A maior altitude em que há registos de *T. m. pygmaeus* é 1350 m acima do nível do mar, na Serra Morena, e 1450 m acima do nível do mar, no Sistema Central espanhol (Herrero et al., 2003b). Não há registos em várias províncias do Leste e Sul de Espanha. Nos limites orientais e nordeste da distribuição, como por exemplo na província de Albacete, as localidades onde ocorre são poucas e muito espaçadas (García-París et al., 2004). Isto sugere que a distribuição de *T. m. pygmaeus* nessas regiões está em declínio, levando a uma distribuição fragmentada e a uma zona de contacto residual com *T. m. marmoratus*. A distância mais curta documentada entre populações das duas formas na zona de Madrid é de cerca de 6 km (García-París et al., 2001).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Em Portugal, podemos encontrar as duas subespécies em todo o território nacional, com excepção do centro do Alentejo. A sua distribuição é essencialmente parapátrica. No entanto, na zona de contacto, e ao contrário do que se observa em Espanha, a distância entre populações das duas subespécies é pequena (3 km perto das Caldas da Rainha, por exemplo) e inclui-se dentro da capacidade de dispersão dos tritões (Jehle et al., 2005). Embora a presença de híbridos seja difícil de verificar, e os próprios híbridos difíceis de identificar, não é de excluir que estes ocorram. Um estudo a nível molecular detectou a existência de DNA mitocondrial típico de *T. m. marmoratus* em populações de *T. m. pygmaeus* na Serra de S. Mamede, bastante a sul da zona de contacto (Themudo, 2005). Além disso, entre a Nazaré e as Caldas da Rainha, foi descrito um enclave de populações de *T. m. marmoratus* rodeado por populações de *T. m. pygmaeus*, tendo sido, inclusivamente, detectado um híbrido (Themudo & Arntzen, 2007b).

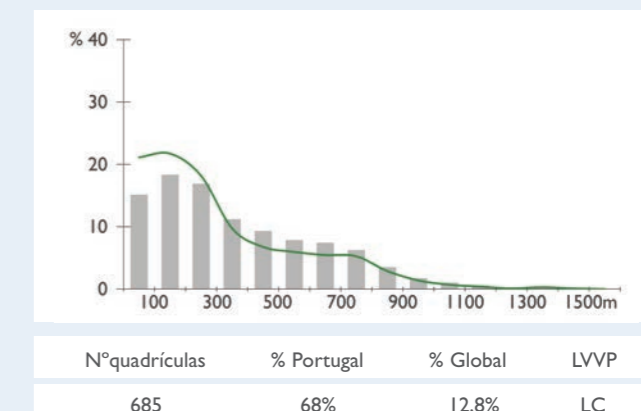
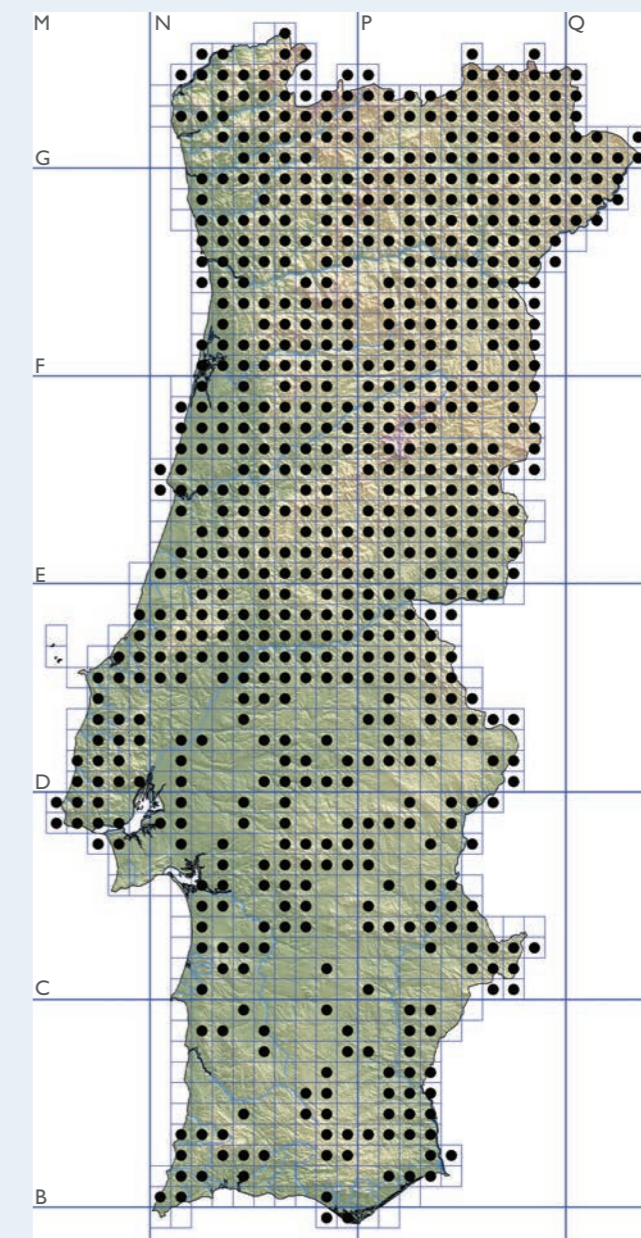
Em geral, os locais de reprodução de *T. m. marmoratus* são mais pequenos e sombrios, por vezes apenas pequenos tanques de

pedra, com água mais fria do que os locais preferidos por *T. m. pygmaeus*. No Alentejo, e mesmo na Estremadura, é possível encontrar muitas vezes *T. m. pygmaeus* em poços de grande diâmetro com paredes de pedra cheias de interstícios onde os animais se podem esconder quando ameaçados (Malkmus, 2004e). A época de reprodução é bastante variável em Portugal, ocorrendo normalmente entre Outubro e Maio.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

A perda significativa de habitat no Sul da Península, especialmente pela diminuição do número de charcos temporários provocada pela desertificação, faz com que o Tritão-marmorado-pigmeu esteja classificado como “Quase Ameaçado” no Livro Vermelho da IUCN (Stuart et al., 2008). No Parque Nacional da Peneda-Gerês, por outro lado, foi detectada uma infecção por iridovírus, que causa elevada mortalidade (Alves de Matos et al., 2002b). Outras causas mais gerais de declínio incluem a drenagem de charcos temporários provocada pela intensificação da agricultura, o aumento da urbanização, e a predação por espécies introduzidas, como o lagostim-vermelho-da-Louisiana (*Procambarus clarkii*) e a perca-sol (*Lepomis gibbosus*). Estes factores parecem estar a provocar o desaparecimento de algumas populações no Sul de Espanha, causando uma fragmentação da sua distribuição (García-París et al., 2001). A situação de *T. m. marmoratus* é mais estável do que a de *T. m. pygmaeus*, embora pareça estar em regressão no litoral oeste, sendo substituído por *T. m. pygmaeus* (Themudo & Arntzen, 2007b).

Gonçalo Espregueira Themudo e Jan W. Arntzen



Mogadouro

AB



Mértola

CC



Larva

PhG